Homenagem

FLORESTAN FERNANDES: UM PENSAMENTO CRÍTICO-MILITANTE

*Dilmar Santos de Miranda**

Uma homenagem quase sempre corre o risco de se transformar em um rito. Este risco torna-se ainda maior, quando o homenageado já está morto. Afinal, já diziam os antigos: *de mortuis nisi bona* (acerca dos mortos, nada se diz a não ser coisas boas). Portanto, na celebração de um ritual, corre-se o risco da repetição de um gesto meramente formal, ou seja, de simplesmente expressar um gesto reificado, reiterado pela tradição. E a reificação é uma das alienações mais denunciadas pelo pensamento crítico da contemporaneidade, ao qual se inscreve definitivamente aquele que desejamos homenagear neste artigo: o Professor Florestan Fernandes, recentemente falecido. Longe de algo frio e formal, destituído de sentido, nossa homenagem é um gesto prenhe de emoção e sentimento de perda irreparável para a cultura, a ciência e a vida pública brasileira de um dos nomes mais notáveis do pensamento contemporâneo.

* Dilmar Santos de Miranda é doutorando do programa de pós-graduação do Departamento de Sociologia da USP. Em 8 de novembro de 1993, como chefe do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará, proferiu o discurso em homenagem ao Professor Florestan Fernandes, quando este recebeu o título de Doutor Honoris Causa, concedido pela UFC.

Por um desses mistérios insondáveis da vida, sua morte ocorre um dia após um acontecimento que irá para sempre indignar a consciência de todos aqueles que, como o Professor Florestan,

lutam por uma sociedade outra, capaz de ultrapassar a atual barbárie da vida brasileira: a tragédia de Corumbiara, no estado de Rondônia, onde mais de uma dezena de trabalhadores sem-terra foi trucidada, em plena madrugada, por forças policiais, no cumprimento de um ordem judicial de reintegração de posse. Se vivo estivesse, certamente o tema da coluna semanal do sociólogo e militante socialista, na Folha de S. Paulo, seria a denúncia desse crime bárbaro – mais um dentre tantos – contra os trabalhadores brasileiros, bem como a cobrança veemente do governo do seu ex-aluno e assistente, de punição exemplar aos seus responsáveis. Por que esta nossa certeza acerca da previsibilidade desse gesto? Pela sua vida, pela sua obra-documento, pelo seu legado.

Em Florestan Fernandes, vida acadêmica e política era ignorar uma coisa só. É exatamente esta sua dupla condição de sociólogo e socialista, indissolivelmente articulada na mesma pessoa, que confere o impacto especial que seu trabalho intelectual e sua militância têm na vida brasileira contemporânea. Sua vigilância epistêmica, rigoroso exercício daquela hermenêutica da suspeição exigida por Paul Ricoeur, não era incompatível com o exercício da militância. Na realidade, sua vida e obra, como um todo, configuram uma tensão permanente entre o saber científico e a práxis política, entre o método e a paixão, paixão pela justiça, igualdade e liberdade. Afinal, para Florestan Fernandes, o fazer científico não implicava neutralidade ascética diante das desigualdades e injustiças do mundo, pois ele próprio foi testemunho vivo de como suas concepções teóricas e suas convicções políticas expressam-se unitariamente na sua produção escrita. Detentor de um texto crispado e tenso, seu estilo configura uma estética reveladora das contradições, conflitos e anseios de seu (e também nosso) tempo. Daí, nossa certeza de sua indignação a respeito da atrocidade de Corumbiara, se dela tivesse sabido, bem como de sua denúncia, caso ainda algum tempo de vida lhe restasse. Na verdade, ele trabalhou até às vésperas de sua morte, como atestam os artigos já publicados postumamente.

Para melhor entender a *obra* de Florestan Fernandes, é preciso conhecer sua *vida* de criança e de adolescente pobre que

conseguiu escapar da sina de milhões de brasileiros. Assim, no lugar de mais uma provável vítima irrecuperável da desigualdade ou da exclusão social, tivemos um dos mais renomados e respeitáveis mestres da comunidade acadêmica brasileira e internacional. Nascido na cidade de São Paulo, em 22 de junho de 1920, Florestan Fernandes descende de uma família portuguesa de origem camponesa. Começa a trabalhar ainda criança, primeiro como engraxate, depois como auxiliar de marceneiro, alfaiate, garçon e cozinheiro. Enfrentando sérias dificuldades para continuar os estudos, não completa o ensino primário. Assim é obrigado a prestar os exames de maturidade (o supletivo da época), como alternativa do curso secundário.

As próprias palavras de Florestan nos guiam para melhor conhecer sua dura existência e sua formação: “Eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi, através das duras lições da vida (...) Iniciei a minha *aprendizagem* ‘sociológica’ aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto, e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a *convivência humana* e a *sociedade* (...) . A criança estava perdida neste mundo hostil e tinha de voltar-se para dentro de si mesma para procurar nas ‘técnicas do corpo’ e nos ‘ardis dos fracos’, os meios de autodefesa para a sobrevivência. Eu não estava sozinho. Havia a minha mãe. Porém a soma de duas fraquezas não compõe uma força. Éramos varridos pela ‘tempestade da vida’ e o que nos salvou foi o nosso *orgulho selvagem*” (IANNI, 1986, P.8).

No início dos anos 40, Florestan Fernandes obtém o título de bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Em 1946/47, completa o curso de pós-graduação em Sociologia e Antropologia, na Escola Livre de Sociologia e Política. Obtém o título de mestre com a tese “A Organização Social dos Tupinambá” e o título de doutor em 1951, com a tese “A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá”. Em 1953, presta exame de livre-docência com o trabalho “Ensaio sobre o Método de Interpretação

Funcionalista na Sociologia” . Em 1964, torna-se catedrático da USP, defendendo a tese intitulada “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, que logo tornou-se um dos clássicos da literatura sociológica contemporânea. No período de sua formação acadêmica, tem como professores mestres ilustres como Donald Pierson, um dos fundadores da Escola de Sociologia e Política, Fernando de Azevedo e Roger Bastide, com os quais iria posteriormente trabalhar como assistente.

Desde então, notabiliza-se, entre seus pares, como mestre de uma geração brilhante de cientistas responsáveis pela consolidação e desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil e na América Latina. Como *maître à penser*, faz escola.

Vida acadêmica intensa e rica teria que produzir, logicamente, uma obra acadêmica intensa e rica. Segundo o depoimento de um de seus alunos, o sociólogo Otávio Ianni, seria difícil dar conta, de modo sumário, da biografia intelectual de Florestan Fernandes, contabilizando todos os seus escritos, pesquisas, cursos, conferências, etc. “A sua influência estende-se por todo o meio intelectual brasileiro, espalha-se pela América Latina e Caribe, e ressoa na Europa e Estados Unidos. Formou escola. As controvérsias sobre o seu pensamento também refletem sua influência”.(IANNI, op. cit. p.8)

A multiplicidade e a riqueza temática de sua obra possuem uma unidade teórico-metodológica fundante. A característica mais marcante e fundamental do pensamento sociológico de Florestan Fernandes poderia ser apontada por uma permanente reflexividade e transitividade – um pensamento e um saber que se pensa e se sabe criticamente o tempo todo. O cientista Fernandes procura obstinadamente realizar o grande projeto de uma sociologia crítica, que é sempre uma sociologia do conhecimento. Seu olhar sociológico, sempre um olhar crítico, busca desreificar a realidade fática, ao contrário do procedimento teórico-metodológico tão agradável ao paladar de uma sociologia positivista que fetichiza a chamada realidade social, como algo hipostasiado e desprendido dos embates da práxis humana.

Recusando a vã ilusão epistêmica de julgar que os fatos falam por si só, em Florestan Fernandes a interpretação da vida social articula-se com a **reflexão crítica** das outras interpretações sobre essa mesma vida. **Para ele**, o saber da vida social não se radica apenas no fato estudado mas na concepção do fato e na íntima articulação entre a **concepção** e o fato. Sua **reflexão sociológica** analisa simultaneamente a **chamada** realidade social e o pensamento sociológico que se **debruça sobre** a mesma. Busca sempre a “natureza sociológica da **própria sociologia**”, como designa um de seus livros. Podemos afirmar que, **para Florestan Fernandes**, a sociologia é sempre uma **meta-sociologia**. Adequa-se perfeitamente a ele, uma feliz formulação de um **outro sociólogo**, ex-aluno e colaborador seu, ao falar da **reflexividade crítica** de um pensamento sociológico autêntico: “a **reflexão sociológica** só se completa quando a sociologia analisa **sociologicamente** a **própria sociologia**” (MARTINS, 1977, p.2).

Por **justa razão**, muitos consideram Florestan Fernandes o fundador da **sociologia crítica** no Brasil, na melhor tradição do pensamento **crítico da sociedade** burguesa contemporânea. Sua sociologia tem, **para o pensamento social brasileiro**, um caráter inaugural, suas **problematizações** têm força seminal. Sua produção está preñe **daquela auto-reflexividade** que questiona constantemente o objeto pensado, **bem como o pensar** deste objeto. Suas tematizações sobre a **indução sociológica** avaliam cada uma das principais teorias – as clássicas **vertentes matriciais** da explicação sociológica – os métodos e as **técnicas de pesquisa**, da mesma maneira que oferecem novas **contribuições** para o conhecimento das condições de possibilidade **epistêmico-históricas** de reconstrução da realidade. Encontramos **tal perspectiva** nos seus diferentes ensaios de cunho mais empírico, **a exemplo** dos escritos sobre a questão indígena, a escravidão, o **folclore e a cultura**, a revolução burguesa e socialista, etc. O mesmo se verifica nos seus trabalhos de caráter mais teórico. Radicada **numa sólida formação marxista**, a perspectiva crítica está presente **em toda a sua vida** de intelectual, incluindo aí o ensino, a pesquisa, a **conferência**, o debate público (Cf. IANNI, 1986, p 15).

A produção intelectual de Florestan Fernandes é expressão reflexiva do seu tempo, no sentido de pensar, a partir de uma perspectiva pluridimensional: “Responde aos desafios do presente e reinterpreta o passado, desvendando outras nexos entre ambos. Começa a realizar-se ainda nos anos 40, quando está em marcha o movimento contra o nazi-fascismo, em escala mundial e a ditadura estadonovista, no Brasil. Desdobra-se pelas décadas subseqüentes, ao longo da república populista, da ditadura militar e da nova república dos anos oitenta” (IANNI, op. cit. p.39). Reverbera contra os demandos do chamado estado mínimo contemporâneo, sinônimo de entreguismo e redução de políticas sociais voltadas para as classes subalternas. Volta-se para a atualidade sincrônica, no que tem de novo e velho, provocante e decadente. Procura compreender a sociedade brasileira dependente, bem como constituir um horizonte de sentido histórico dos embates com outras temporalidades, outros lugares, outras personagens que, na sua paradoxal e aparente heterocronia, se encontram em nossa contemporaneidade, tensionando o presente e apontando rumos para um devir diferente. Assim, retorna ao tempo do já vivido, de modo a resgatar os nexos aparentemente desconexos, sem os quais o meramente existente, destituído de virtualidades, encontrar-se-ia mergulhado numa opacidade desesperante. Nessa travessia, ilumina trilhas e abre perspectivas, buscando dar visibilidade às possibilidades de um futuro outro.

Autor de uma vastíssima produção científica, a obra de Florestan Fernandes perpassa um amplo espectro temático que abrange todos os matizes do horizonte sociológico. Dos ensaios de caráter mais fundante e teórico como os “Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica” às abordagens de natureza mais empírica sobre a questão indígena e as relações interétnicas, sem esquecer os ensaios sobre a formação da sociedade brasileira – “A Revolução Burguesa no Brasil” – ou sobre a conjuntura latino-americana – “Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana”, além das denúncias dos crimes cometidos durante o regime militar contra a ciência e a cultura brasileiras – “A Questão da USP” – tudo transfigura-se em

tema para a densa e profunda pena do cientista social. Mais de cinquenta títulos testemunham a rica trajetória de uma vida intelectual e política bastante intensas.

Acrescente-se à sua bibliografia, a organização da coleção **Grandes Cientistas Sociais**, com 60 títulos dedicados à vida e às principais obras dos mais expressivos pensadores sociais da modernidade, onde o próprio organizador teria que ser necessariamente contemplado, o que ocorre por iniciativa de seus colaboradores.

Mestre, sociólogo, conferencista, ensaísta, debatedor, Florestan Fernandes sempre soube aliar todos esses papéis a uma intensa e íntegra militância radicada em idéias e princípios explicitados em sua obra. Assim, na própria interioridade constitutiva do seu discurso conceitual, o cientista militante se nega a desempenhar o papel neutro de mero elo de mediação colocado no interior da trama das relações entre o pensar e o objeto pensado. Fernandes nega aquela intransitividade contemplativa e estéril de um tipo de conhecimento que apenas tenta pensar o real, sem força de intervenção transformadora. Seu pensamento se efetiva no caminho trilhado mais o seu termo, se realiza na práxis social. Faz-se cúmplice de um devir desejado e pelo qual luta. Faz-se militante.

Já na virada da década de 40/50, juntamente com Anísio Teixeira e outros educadores, coloca-se na trincheira dos defensores da escola pública e gratuita para todos os brasileiros. Engaja-se destacadamente na luta pela elaboração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para a educação brasileira que é aprovada em 1961, após mais de uma década de debates, polêmicas e justas memoráveis com os privatistas do ensino da época. Por ocasião da Assembléia Nacional Constituinte, eleita em 1986, obtém a cadeira de deputado federal por São Paulo, pelo Partido dos Trabalhadores, com expressiva votação. Destaca-se uma vez mais, entre tantos temas candentes, na defesa ardorosa da escola brasileira, enquanto instituição pública e gratuita voltada primordialmente para atender às reais necessidades do povo e da nação brasileira. Na Constituinte, é titular da comissão de educação, cultura e esportes e da comissão de ciência, tecnologia e comunicação. Reeito para a legislatura de 1991/1994, continua

a desempenhar importante papel, sobretudo no rico e tortuoso processo de discussão e elaboração de uma nova LDB para a educação brasileira, participando ativamente das sessões promovidas pelo Fórum constituído por várias instituições da sociedade civil.

Paradigma de integridade intelectual, coerência política e práxis engajada, Florestan é vítima dos tempos sombrios e de chumbo que acinzentam a alma brasileira, na longa noite que se abate sobre o país, durante a ditadura militar. É preso e posteriormente cassado de suas atividades acadêmicas da USP, onde lecionou de 1945 a 1969, através de uma aposentadoria compulsória. Esse crime perpetrado contra a pessoa do cientista social e contra a universidade brasileira, merece mais tarde um desagravo feito pela própria USP, ao lhe conceder, em 1985, o título de professor emérito. Impedido de trabalhar no Brasil, são as universidades estrangeiras que passam a ter o privilégio de contá-lo no seu quadro docente: Columbia University e Yale University nos EEUU, e a Universidade de Toronto no Canadá.

Por merecido reconhecimento, o Prof. Fernandes recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Utrecht (Holanda), em 1986, e da Universidade de Coimbra, em 1990, por ocasião dos 700 anos de sua criação. Seu mais recente título, dentre tantas homenagens que lhe são prestadas, é o de Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito Educativo. É também por esta rica existência que a Universidade Federal do Ceará concede, em 1993, o título de Doutor Honoris Causa ao cientista social e professor Florestan Fernandes, estranhamente, o único a ser outorgado por uma universidade brasileira.

Na ocasião em que recebia o título de Doutor Honoris Causa concedido pela universidade cearense, dizíamos ao Professor Florestan Fernandes que, mais do que uma justíssima homenagem que lhe prestávamos, tê-lo na galeria dos Doutores Honoris Causa dignificava o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC e a Universidade que lhe outorgava o título. Assim, saíamos de dentro da emoção daquela noite quente nordestina mais engrandecidos.

Este é o sentimento que agora vivenciamos com sua morte, todos aqueles que, de um forma ou outra, com ele conviveram, na qualidade de aluno, companheiro de militância, colega de academia, como seu contemporâneo enfim. O privilégio de ter partilhado com a existência de alguém muito especial, e a consciência desse privilégio faz cada um de nós ser um pouco discípulo seu, o que certamente nos torna mais dignos e engrandecidos. ■

BIBLIOGRAFIA

- IANNI, Octavio, org. Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira. In: *Florestan Fernandes*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- MARTINS, José de Souza. Introdução. In: FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza, org. In: *Sociologia e Sociedade*, Rio de Janeiro/ São Paulo, LTC, 1977.

Bibliografia completa de Florestan Fernandes (*)

No Brasil

- 01 - Karl Marx, *Contribuição à Crítica da Economia Política*, tradução e introdução. São Paulo, Editora Flama, 1946.
- 02 - *A Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949; 2ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963.
- 03 - *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. São Paulo, Museu Paulista, 1952; 2ª edição, São Paulo, Livraria Pioneira Editora/EDUSP, 1970.
- 04 - *A Etnologia e a Sociedade no Brasil; ensaio sobre aspectos da formação e desenvolvimento das Ciências no Brasil*. São Paulo, Editora Anhambi, 1958.

-
- 05 - *Branços e Negros em São Paulo*, em colaboração com Roger Bastide. Edição Independente, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959; 3a edição, 1971. Publicação prévia: Revista Anhembi, São Paulo, 1955.
 - 06 - *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959; 2a edição, 1967, reimpressão, 1972; 3a edição, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978; 4a edição, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1980.
 - 07 - *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1960; 2a edição, 1971; 3a edição, 1976.
 - 08 - *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960; 2a edição refundida, 1974; 3a edição, 1979.
 - 09 - *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo, Editora Anhembi, 1961; 2a edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
 - 10 - *A Sociologia numa Era de Revolução Social*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962; 2a edição reorganizada e ampliada, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
 - 11 - *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, 1964; 2a edição, 2 volumes, São Paulo, Editora Dominus/EDUSP, 1965; 3a edição, 2 volumes, Editora Atica, 1978.
 - 12 - *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo, EDUSP, 1966.
 - 13 - *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968; 2a edição, 1972; 3a edição, 1975; 4a edição, 1981.
 - 14 - *Elementos de Sociologia Teórica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970; 2a edição, 1974.
 - 15 - *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
 - 16 - *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973; 2a edição, 1975; 3a edição, 1981.
 - 17 - *Comunidade e Sociedade no Brasil; leituras básicas de Introdução ao Estudo Macro-sociológico do Brasil* (organizador). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972; 2a edição 1975.
 - 18 - *Comunidade e Sociedade; leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação* (organizador). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973.
 - 19 - *A Investigação Etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis, Editora Vozes, 1975.
 - 20 - *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de Interpretação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975; 2a edição, 1976; 3a edição, 1981.
 - 21 - *A Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução?* São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1975; 2a edição, 1979.
 - 22 - *Circuito Fechado. Quatro Ensaio sobre o "Poder Institucional"*. São Paulo, Editora Hucitec, 1976; 2a edição, 1977.
 - 23 - *As Classes Sociais na América Latina*. (co-autoria com Nico Poulantzas e Alain Touraine), Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.

- 24 - *A Sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento.* Petrópolis, Editora Vozes, 1977; 2ª edição, 1980.
- 25 - *A Condição de Sociólogo.* São Paulo, Editora Hucitec, 1978.
- 26 - *O Folclore em Questão.* São Paulo, Editora Hucitec, 1978.
- 27 - *Lênin. Organização e introdução.* São Paulo, Editora Ática, 1978 (duas edições).
- 28 - *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana.* São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979.
- 29 - *Apontamentos sobre a "Teoria do Autoritarismo".* São Paulo, Editora Hucitec, 1979.
- 30 - *Brasil: Em compasso de Espera.* São Paulo, Editora Hucitec, 1980.
- 31 - *A Natureza Sociológica da Sociologia.* São Paulo, Editora Ática, 1980.
- 32 - *Movimento Socialista e Partidos Políticos.* São Paulo, Editora Hucitec, 1980.
- 33 - *Poder e Contra-poder na América Latina.* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- 34 - *O Que é Revolução?* São Paulo, Editora Brasiliense, 1981 (seis edições).
- 35 - *A Ditadura em Questão.* São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1982 (duas edições).
- 36 - *K. Marx - F. Engels: História.* Organização e introdução. São Paulo, Editora Ática, 1983.
- 37 - *A Questão da USP.* São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1984.
- 38 - *Que Tipo de República?* São Paulo, Brasiliense, 1986 (três edições).
- 39 - *Nova República?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1986 (três edições).
- 40 - *O Processo Constituinte.* Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1988.
- 41 - *A Constituição Inacabada, Vias Históricas e Significado.* São Paulo, Estação Liberdade Editora, 1989.
- 42 - *O Desafio Educacional.* São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- 43 - *Pensamento e Ação: o PT e os Rumos do Socialismo.* São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.
- 44 - *O Significado do Protesto Negro.* São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- 45 - *A Transição Prolongada.* São Paulo, Cortez Editora, 1990.
- 46 - *As Lições da Eleição.* Brasília, Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. 1990.
- 47 - *Depoimento*, in *Memória Viva da Educação Brasileira.* Brasília, INEP, 1991.
- 48 - *O PT em Movimento - Contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores.* São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1991.
- 49 - *Reflexão sobre o Socialismo e a Auto-emancipação dos Trabalhadores.* São Bernardo do Campo, Departamento de Formação Política e Sindical, Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, 1992.
- 50 - *Parlamentarismo: Contexto e Perspectivas.* Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1992.
- 51 - *LDB: Impasses e Contradições.* Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação. 1993.

-
- 52 - *Democracia e Desenvolvimento – A Transformação da Periferia e o Capitalismo Monopolista da Era Atual*. São Paulo, Editora Hucitec, 1994.
 - 53 - *Consciência Negra e Transformação da Realidade*. Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1994.
 - 54 - *Tensões na Educação*. Salvador, Editora Sarahletras, 1995.
 - 55 - *A Contestação Necessária*. São Paulo, Editora Ática, 1995.
 - 56 - *Em Busca do Socialismo*. São Paulo, Editora Xamã, 1995.
 - 57 - *Atraso e Modernidade*. Salvador, Sarahletras. 1996 (a sair).
 - 58 - *O Pensamento Político de Marighella*. In Anais do Seminário sobre Carlos Marighella, Salvador, Universidade Federal da Bahia (em organização).

No exterior

- 01 - *La Guerre et le Sacrifice Humain chez les Tupinambá*. Tradução de Suzanne Lussagnet, publicado e editado em separata pelo “Journal de la Société des Americanistes”, Paris, Musée de L’Homme, 1952.
- 02 - *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica* (em espanhol). México, UNAM, s/d.
- 03 - *The Negro in Brazilian Society*. Tradução de Jacqueline D. Skiles, A. Brunel e Arthur Rothwell, New York/London, Columbia University Press, Edição de Phyllis B. Eveleth, 1969; paperback, New York, Atheneum, 1971.
- 04 - *The Latin American in Residence Lectures*. Toronto, University of Toronto, 1969/1970.
- 05 - *Die Integration des Negers in die Klassengesellschaft*. Tradução de Jürgen Gräbener. Berlin/Zurich, Verlag Gehlen/Bad Homburg v.d. H. 1969 (volume I).
- 06 - *Die Integration des Negers in die Klassengesellschaft*. Tradução de Angela Dulle. München, Wilhelm Fink Verlag, 1977 (volume II).
- 07 - *La Revolución Burguesa en Brasil*. Tradução de Eduardo Moliina. México, Siglo Veintiuno, 1978.
- 08 - *Las Classes Sociales en América Latina*. (Co-autoria com Nicos Poulantzas e Alain Touraine). México, Siglo Veintiuno Editores, UNAM, 1973.
- 09 - *Reflections on the Brazilian Counter-Revolution*. Organização e introdução de Warren Dean, Armonk, New York, M.E. Sharpe Inc., 1981.

Obras sobre Florestan Fernandes

- 01 - FREITAG, Bárbara. *Die Sozio-Ökonomische Entwicklung Brasiliens aus der Sicht eines Brasilianischen Sozialwissenschaftlers*. Saarbrücken 1969, Verlag der SSP - Schriften D. Breitenbach, Saarbrücken Universität.
- 02 - IANNI, Octávio. (Organizador) *Florestan Fernandes*. São Paulo, Editora Ática, 1986.

- 03 - D'INCAO, Maria Angela. (Organizadora). *O Saber Militante. Ensaios Sobre Florestan Fernandes*. São Paulo, UNESP e Editora Paz e Terra, 1987.
- 04 - COLLINS, Gabriel. *Padrões e Dilemas: o pensamento de Florestan Fernandes*. In *Inteligência Brasileira*. (Organizadores) R. Moraes, R. Antunes e V.B. Ferrante. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- 05 - MARTINS, José de Souza. *Retratos de Florestan* in *Jornal de Resenhas*, São Paulo, *Discurso Editorial* USP/Folha de São Paulo. 04/10/95.
- 06 - ARAUJO, José Pessoa de. *O Engraxate que se tornou Sociólogo*. São Paulo, Brasil Cordel, 1995. (Folheto de literatura de cordel).
- 07 - ADUSP (Vários). *Florestan Fernandes*. *Revista da Adusp* (edição especial). São Paulo, nº 4, outubro de 1995.

(*) Fonte:

IANNI, Octávio.(org.). *Florestan Fernandes*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
Folha de S. Paulo. São Paulo, 11/08/1995.

Vladimir Sacchetta (colaborador e secretário de Florestan Fernandes).